

Da casa-grande ao mucambo: Gilberto Freyre e as origens do caráter nacional brasileiro



Luis Fernando Tosta Barbato

Mestrando em História
Universidade Estadual de Campinas

Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo traçar um paralelo entre as duas principais obras de Gilberto Freyre: *Casa-grande & senzala* e *Sobrados e mucambos*. Nesse sentido, partiremos da análise de *Casa-grande & senzala*, buscando entender o papel da "casa-grande" como instituição formadora da nação brasileira, marcada por um sistema patriarcal rural, frequentada por atores sociais que extravasavam o núcleo familiar comum, e que, dentro da concepção freyreana, foi responsável por conferir à nação brasileira algumas das características que lhe são mais peculiares. Em seguida, passaremos à análise de *Sobrados e mucambos*, obra na qual observamos a sociedade rural e patriarcal de *Casa-grande & senzala* em decadência, e a ascensão de uma nova ordem, urbana, marcada pela impessoalidade. Desta maneira, procuraremos entender como Freyre analisou cada um desses períodos, a fim de criar sua própria interpretação para a nação brasileira.

Palavras-chave:

Freyre, Gilberto, 1900-1987
Brasil - historiografia
Características nacionais

O presente trabalho foi realizado com o financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

*O Brasil de Gilberto não é uma engrenagem mecânica, tocada pelas leis da História ou da Economia: tem alma, intriga, calor, gosto, incoerência, sussurro, discurso e coração.*¹

Dentro do pensamento social brasileiro, a década de 30 do século passado é particularmente rica, isso porque foi nela que surgiram obras como *Evolução política do Brasil*, de Caio Prado Júnior, publicada em 1933; *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, de Gilberto Freyre, também publicada em 1933; *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural no Brasil*, outra obra de Gilberto Freyre, publicada em 1936; e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, também de 1936.

As obras desses três autores são grandes clássicos da historiografia brasileira, pois, como ressaltou Evaldo Cabral de Mello, representaram uma ruptura com a “sociologia de formação brasileira”.² Segundo Elide Rugai Bastos, essas obras têm em comum a busca no passado por fatores que explicassem a sociedade brasileira, compreendendo assim os descompassos característicos da sociedade presente, auxiliando, de certa forma, o Brasil a tomar rumos para um futuro menos problemático.³

Vale lembrar que nas décadas de 20 e 30 do século passado, o pensamento social brasileiro ainda era marcado por teorias que derrubavam as esperanças de um futuro promissor para o Brasil. Teorias como o evolucionismo-social, o positivismo, o naturalismo e o social-darwinismo, de origem europeia e que serviram como justificativa para a empreitada neo-colonial de países como França e Inglaterra, pregavam a superioridade da raça branca - e logo a inferioridade das raças negras, indígenas e mestiças -, além de difamar o clima tropical, pregando supostos efeitos negativos sobre o corpo e a mente das pessoas.⁴

1 Roberto da Matta, “O Brasil como morada: apresentação para Sobrados e mucambos”, in: Gilberto Freyre, *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*, São Paulo, Global, 2003, p. 12.

2 Evaldo Cabral de Mello, “Posfácio: Raízes do Brasil e depois” in: Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, apud Elide Rugai Bastos, “Raízes do Brasil - Sobrados e mucambos: um diálogo”, *Perspectivas*, 28 (2005), p. 19.

3 Bastos, *Raízes do Brasil - Sobrados e mucambos: um diálogo*, p. 19-20.

4 Sobre esse assunto conferir: Lilia Moritz Schwarcz, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

Nesse contexto, intelectuais preocupados com o futuro da nação, e atualizados com as matrizes de pensamento europeias, viam em estratégias como o branqueamento, conduzidas por um Estado forte, a saída para esse futuro nada alentador que se apresentava para o Brasil.⁵

É nesse contexto que surge a obra de Gilberto Freyre, e ela ganha ares de revolucionária, uma vez que quebra esses paradigmas racistas e deterministas até então vigentes e aborda a sociedade brasileira com um viés culturalista,⁶ que vê um futuro promissor para o Brasil, baseado justamente naquilo que a até então Intelligentsia brasileira acreditava ser mais danoso: a mistura de raças e os efeitos tropicais nesses povos.

Gilberto Freyre nasceu em Recife, em 1900, portanto, anos agitados, de florescência intelectual, baseada no recente fim da escravidão, na proclamação da República, e fomentada pelas ideias revolucionárias trazidas nas bagagens dos milhares de imigrantes europeus que aportavam no Brasil. Filho de um juiz de direito e professor catedrático da Faculdade de Direito de Recife, Gilberto Freyre pertencia a uma tradicional família da aristocracia pernambucana.⁷ Sociólogo de formação, apesar de claro opositor à fragmentação das Ciências Humanas em sub-áreas, concluiu seus estudos nos EUA e ajudou na institucionalização dessa ainda jovem ciência no Brasil.⁸

5 Como exemplo desse viés de pensamento, temos a obra de Oliveira Vianna. Cf. Gustavo Henrique Tuna, *Gilberto Freyre: entre tradição e ruptura*, São Paulo, Editora Cone Sul, 2000, p. 19.

6 Isso fica evidente em sua obra *Região e tradição*, no qual, como frisa Albuquerque Jr., ao traçar a história da transição que levaria ao Nordeste de 1925, não são mais apenas os fatores naturais, como seca e mestiçagem – embora eles ainda continuem a existir – que definem, que dão identidade, que estão na origem da região, mas sim os fatores históricos, e principalmente, os de ordem cultural que norteiam as explicações de Freyre sobre a origem do Nordeste. Dessa maneira, a fundação da Faculdade de Direito do Recife, a atuação do Diário de Pernambuco, a invasão holandesa, e as revoltas de 1817, 1824 e 1848 são colocadas na origem da identidade regional nordestina, sendo os argumentos naturalistas preteridos. Vale ressaltar que Freyre foca em Pernambuco como o principal palco da formação identitária nordestina por ter sido por anos a área administrativa da região que equivale ao atual Nordeste. Ver Durval Muniz de Albuquerque Júnior, *A invenção do Nordeste e outras artes*, Recife, FJN, Massangana, São Paulo, Cortez, 1999, p. 76.

7 O que talvez ajude a explicar seu apreço pelas tradicionais elites do Brasil, como ficou evidente em seus trabalhos, como ressaltou Luiz Antonio de Castro Santos, *O pensamento social no Brasil: pequenos estudos*, Campinas, Edicamp, 2003, p. 10-24.

8 O que, para Stuart Schwartz, foi fundamental para o otimismo característico de toda obra de Freyre, uma vez que os intelectuais norte-americanos vislumbravam um futuro promissor para seu país, e viam em seu passado colonial a chave para isso. Freyre talvez tenha aprendido com eles isso e aplicado ao Brasil. Stuart Schwartz, “Gilberto Freyre e a História colonial: uma visão otimista do Brasil”, in: Joaquim Falcão e Rosa Maria Barboza Araújo (orgs.), *O imperador das idéias: Gilberto Freyre em questão*, Rio de Janeiro, Topbooks, 2000. Ver ainda Maria Inês de França, *Gilberto Freyre*, São Paulo, Ícone, 2000, p. 9-21.

A primeira obra de Freyre que causou impacto no pensamento social brasileiro foi *Casa-grande & senzala*, considerada, por muitos, sua obra-prima. É em *Casa-grande & senzala* que Freyre abre espaço para discorrer sobre suas marcantes e originais ideias sobre a formação da sociedade brasileira.

Nessa obra, podemos observar a concepção freyreana, baseada em três elementos, e que se farão presentes em toda sua trajetória intelectual, inclusive em *Sobrados e mucambos*: o patriarcado, a interpenetração de culturas e o trópico.⁹

Sobrados e mucambos pode ser considerada uma continuação – ou um desdobramento – de *Casa-grande & senzala*, e parecia estar prevista por Freyre quando finalizou essa última. Enquanto em *Casa-grande & senzala* temos o engenho de açúcar, com suas extensas famílias – e muitos associados –, organizadas de modo quase feudal,¹⁰ em *Sobrados e mucambos* temos a transição da atividade açucareira para a atividade mineradora, das fazendas para as cidades, das tradições coloniais para a modernidade, da aristocracia para a burguesia. Era um mundo novo que se formava nas cidades, e que provocou mudanças profundas para a formação da sociedade brasileira, mas que, segundo Freyre, assim como o mundo das fazendas e engenhos, também foi fundamental para a formação da sociedade brasileira.¹¹

A partir do trecho abaixo, extraído do Prefácio à primeira edição de *Sobrados e mucambos*, podemos ter uma ideia do que pretendia Freyre com essa obra:

Nestas páginas, procura-se principalmente estudar os processos de subordinação e, ao mesmo, tempo, os de acomodação, de uma raça a outra, de uma classe a outra, de várias religiões e tradições de cultura a uma só, que caracterizam a formação do nosso patriarcado rural e, a partir dos fins do século XVIII, o seu declínio ou o seu prolongamento no patriarcado menos severo dos senhores de sobrado urbanos e semi-urbanos; o desenvolvimento das cidades; a formação do império, íamos quase dizendo, a formação do povo brasileiro.¹²

9 Bastos, “Raízes do Brasil - Sobrados e mucambos: um diálogo”, p. 20; França, *Gilberto Freyre*, p. 24.

10 Schwartz, “Gilberto Freyre e a História colonial”, p. 115.

11 Tuna, *Gilberto Freyre*, p. 105.

12 Gilberto Freyre, *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*, São Paulo, Global, 2003, p. 27.

Tanto em *Casa-grande & senzala*, quanto em *Sobrados e mucambos*, a “casa” ocupa o lugar central, como centro agregador, formador de sentimentos, de costumes. No entanto, enquanto em *Casa-grande & senzala* Freyre estuda o Brasil por meio de suas raças formadoras, em *Sobrados e mucambos* as categorias que estruturam o texto são dualidades e tríades singularmente culturais, e não centradas no plano biológico ou geográfico, como era praxe de então.¹³ Isso pode ser percebido ao observarmos os nomes dos capítulos: “O engenho e a praça”; “a casa e a rua”; “o pai e o filho”; “a mulher e o homem”; “o sobrado e o mucambo”; “o brasileiro e o europeu”; “raça, classe e região”; “o Oriente e o Ocidente”; “escravo, animal e máquina”.

Como podemos observar, é nesses “choques” entre essas categorias sociais, culturais, raciais, entre outras, que se concentra o interesse dos estudos de Gilberto Freyre, ao observar os processos que levaram à acomodação e a formação da sociedade brasileira.

Sobre o patriarcado, Freyre considerava esse elemento como um dos principais formadores da sociedade brasileira, pois, em sua concepção, foi em torno da família patriarcal que o Brasil nasceu e se rotinizou como sociedade. A família patriarcal, típica do Nordeste açucareiro, mas que Freyre estende a todo o Brasil,¹⁴ para o autor, transbordava os laços sanguíneos e desaguava em um núcleo familiar rodeado por uma extensa gama de sujeitos sociais, como os escravos, os bastardos, os afilhados, os capelães, os criados...¹⁵

Nesse sentido, Elide Rugai Bastos, nos mostra que, para Freyre, eram esses “atores sociais”, capazes de atravessar as diferentes ordens de tempo, os responsáveis por dar uma organicidade à sociedade brasileira e dar unidade ao Brasil.¹⁶

Como já apontamos, a família patriarcal é um dos principais elementos na análise de Freyre. No entanto, apesar de presente em toda sua obra, ela não passa incólume pelo tempo, e sofre alterações significativas em suas obras.

13 Da Matta, “O Brasil como morada”, p. 17.

14 Não sem críticas, como podemos ver em Sérgio Buarque de Holanda, *Tentativas de mitologia*, São Paulo, Perspectiva, 1979, p. 103.

15 Da Matta, “O Brasil como morada”, p. 13.

16 Bastos, “Raízes do Brasil - Sobrados e mucambos: um diálogo”, p. 20-22.

Em *Casa-grande & senzala* temos a família patriarcal em toda sua vitalidade, ela vive seu apogeu. Cabia a ela a esfera de domínio social, religiosa, econômica e política. Ou seja, a “casa” era mais que uma moradia, era o centro de convivência, o governo, a igreja, a escola, tudo ao mesmo tempo.¹⁷ Segundo Freyre, era com certeza a instituição mais importante do Brasil colonial.

Já em *Sobrados e mucambos*, Freyre traz um patriarcado já em decadência, que ainda persiste, mas não com o mesmo vigor do encontrado em *Casa-grande & senzala*. Nesse sentido, o primeiro parágrafo de *Sobrados e mucambos* nos é bastante revelador, uma vez que expressa todo o sentimento de Freyre ao ver o seu aparentemente tão amado sistema patriarcal entrando em decadência, uma das tônicas de *Sobrados e mucambos*:

Com a chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro, o patriarcado rural que se consolidara nas casas-grandes de engenho e fazenda – as mulheres gordas, fazendo doce, os homens muito anchos dos seus títulos e privilégios de sargento-mor e capitão, de seus púcaros, de suas esporas e dos seus punhais de prata, de alguma colcha da Índia guardada na arca, dos muitos filhos legítimos e naturais espalhados pela casa e pela senzala – começou a perder a majestade dos tempos coloniais. Majestade que a descoberta das minas já vinha comprometendo (...).¹⁸

É através da análise do cotidiano que Freyre nota que o sistema patriarcal já não é, nos finais do século XVIII e século XIX de *Sobrados e mucambos*, o mesmo dos períodos anteriores, no qual há todas essas imagens nostálgicas de “mulheres gordas”, “doces” e “filhos legítimos e naturais espalhados pela senzala”. As “mulheres gordas”, afeita aos “doces” e outros trabalhos domésticos passaram a:

Senhoras mais chiques penteado-se não mais à portuguesa, ou quase à oriental, mas à francesa, vestindo-se também à francesa, indo ao teatro ouvir óperas cantadas por italianas a quem os estudantes ofereciam *bouquets*, faziam discursos, dedicavam sonetos.¹⁹

17 França, *Gilberto Freyre*, p. 36.

18 Freyre, *Sobrados e mucambos*, p. 105.

19 Freyre, *Sobrados e mucambos*, p. 126.

Ou ainda: “os meninos educando-se em colégios - alguns estrangeiros - e em academias; e não apenas em casa, com o tio-padre ou o capelão”.²⁰

Nota-se nos trechos acima que o sistema patriarcal nesse período que vai de finais do século XVIII até o século XIX perdera muito de suas características que o tornava tão especial, isso em prol de um sistema burguês, importado da França e da Inglaterra, não natural ao Brasil.

Em *Sobrados e mucambos*, podemos observar essas mudanças no seio do sistema patriarcal. Filhos já não respeitam os pais como antes, mulheres não se dedicam à casa para ler romances, ir a bailes ou simplesmente ver o movimento nas ruas de suas janelas. Nesse estado de aparente colapso do sistema patriarcal, Freyre vê um espaço privilegiado para a entrada de tensões e conflitos no Brasil.

Isso porque, em sua análise, todos esses “atores sociais”, antagônicos em sua essência, conseguiram estabelecer uma espécie de equilíbrio, através do convívio e da rotina permitidos pela casa-grande e pelo sobrado, e mais tarde pelos espaços urbanos de convivência. O sistema casa-grande-senzala era para Freyre uma “quase maravilha da acomodação”, do escravo ao senhor, do preto ao branco, do filho ao pai, da mulher ao marido.²¹

No entanto, essa estrutura harmoniosa criada pelo sistema patriarcal nos engenhos e fazendas espalhados pelo Brasil começa a entrar em colapso com a brutalidade da mineração e com a urbanização dela decorrente. O tratamento “doce” dispensado pelo senhor de engenho aos escravos é transformado em uma relação brutal entre capitães e seus devedores.²² Além disso, o Estado Imperial, a partir de 1808, dá início a um processo de civilização homogeneizadora, segundo Elide Rugai Bastos, com o intuito de manter a ordem assentada em novas bases: uma ordem impessoal. Desta maneira, rompe-se a aliança entre Estado e patriarcado, possibilitando assim a decadência deste último e o início das tensões.²³

No entanto, apesar da decadência do patriarcado, Freyre nos mostra que esse elemento se manteve vivo, mesmo que de maneira

20 Freyre, *Sobrados e mucambos*, p. 126.

21 Freyre, *Sobrados e mucambos*, p. 35.

22 Tuna, *Gilberto Freyre*, p. 104.

23 Bastos, “Raízes do Brasil - Sobrados e mucambos: um diálogo”, p. 27.

modificada, no seio da sociedade pós-joanina no Brasil. Isso ficaria evidente no mulato, que serviu para amolecer esses duros antagonismos.²⁴

Outro exemplo que mostra as continuidades do sistema patriarcal, que ajudaram a “equilibrar os antagonismos”, são os centros de convivência, promotores dos “choques” entre esses sujeitos tão distintos, que Gilberto Freyre tanto adora. Nas ruas, nas praças, nas festas da Igreja, nos mercados, no carnaval, e em tantos outros espaços de “comunicação entre as classes e cruzamento entre as raças”, os antagonismos de classe e raça foram se atenuando e assim foi se formando “uma média, um meio-termo, uma contemporização mestiçamente brasileira de estilos de vida, de padrões de cultura e de expressão física e psicológica de povo”.²⁵

Portanto, como nos mostra Gustavo Henrique Tuna, Freyre vislumbra no processo de urbanização, de modernização, e de transformações dos estilos de vida, parte integrante do perfil do caráter nacional, como uma etapa criadora de espaços de sociabilidade até então inexistentes.²⁶

Desta maneira, a urbanização, juntamente com o desenvolvimento das atividades comerciais, irá, para Freyre, abrir novas perspectivas econômicas, novos tipos de pensamento, novos modos de ser e de ver. Mesmo significando a decadência do “lírico” patriarcalismo de Freyre, essa etapa da formação de nossa sociedade, sobre a qual discorre *Sobrados e mucambos*, é essencial para a formação do caráter nacional.²⁷

Como podemos perceber, a casa-grande, o sobrado, as zonas de comunicação e todas as outras esferas de contato permitiram o “equilíbrio dos antagonismos”. No entanto, há outro fator de suma importância que contribuiu para o mundo “doce” dos engenhos de Freyre: a interpenetração de culturas. E para isso, dentro da obra de Freyre, é inegável o papel dos cruzamentos inter-raciais, responsáveis por um Brasil único e colorido.

Como já mencionamos anteriormente, o pensamento social brasileiro de finais do século XIX e inícios do século XX era dominado por uma série de teorias europeias tidas como científicas, defendidas por nomes

24 Freyre, *Sobrados e mucambos*, p. 30.

25 Freyre, *Sobrados e mucambos*, p. 35.

26 Tuna, *Gilberto Freyre*, p. 105.

27 Tuna, *Gilberto Freyre*, p. 105.

como Gobineau, Agassiz e Lombroso. Segundo tais teorias, o negro, o indígena e o mestiço representavam um atraso para o desenvolvimento da nação, pois se encontravam em patamares inferiores na escala evolutiva da humanidade.²⁸ E, ao observar o Brasil sob essa ótica, seu futuro parecia algo aterrador, pois os censos indicavam um predomínio das raças consideradas degeneradas em relação aos brancos.²⁹

Indo contra essa corrente intelectual, Freyre festejou os contatos sexuais entre brancos, índios e negros, contatos esses que originaram uma série de elementos híbridos, uma das particularidades mais benignas do Brasil.³⁰

Nesse sentido, o português, o elemento branco e ao qual coube, segundo o pensamento da época, colonizar e civilizar o Brasil, desempenhou, de acordo com Freyre, um papel fundamental. Diferente de outros povos da Europa, essa população ibérica, na tradição freyreana, teria uma maior propensão à relação sexual com outras raças, e posterior mestiçagem com outros povos – herança essa adquirida nos séculos de contato com seus dominantes árabes durante a Idade Média. O português também é um povo mestiço!³¹

Para Freyre, os portugueses a princípio europeizaram o Brasil, no entanto, foram profundamente influenciados pelos costumes dos índios que aqui viviam e dos negros que aqui chegaram. Freyre chegou a essa conclusão após observar os hábitos, a alimentação, o vestuário, a arquitetura, a língua, e tudo mais da (original) cultura brasileira.³²

28 Essa é a postura mais comum adotada pelos teóricos das raças no Brasil, mas havia ainda teorias que consideravam o negro, o mestiço e o indígena como incivilizáveis, não perfectíveis e não suscetíveis ao progresso.

29 Sobre esse tema, ver Thomas E Skidmore, *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976; e Schwarcz, *O espetáculo das raças*.

30 Nesse ponto da obra de Freyre, fica evidente a influência do pensamento de seu professor Franz Boas, segundo o qual, apesar de haver diferenças biológicas entre os povos, elas seriam muito pequenas, não havendo assim razões para acreditar que uma raça era superior a outra ou que essas diferenças seriam capazes de influenciar significativamente as culturas de cada povo. Do mesmo modo, Boas acreditava que, a partir das inúmeras observações realizadas pelos cientistas no que toca ao cruzamento entre pessoas de ascendência e tipos diferentes, não era plausível afirmar que eles geravam descendentes degenerados, uma vez que o observado era justamente o oposto. Franz Boas, *Antropologia cultural*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006, p. 67-87.

31 Santos, *O pensamento social no Brasil*, p. 33.

32 França, *Gilberto Freyre*, p. 26.

Portanto, percebemos uma intensa fusão de costumes, de cultura, de genes, de cores, tudo isso em um cadinho chamado Brasil, que na visão de Freyre, contrariando seus antecessores intelectuais, havia tornado o Brasil um país positivo e viável. Como frisou Stuart Schwartz, para Freyre, “a tolerância cultural e a miscigenação não eram fenômenos a serem condenados, mas um aspecto da vida brasileira a ser celebrado”.³³

Mas para que essa excelente mistura se tornasse ainda mais perfeita, outro fator, típico do Brasil se apresentou como fundamental: o clima tropical. Vale lembrar, que assim como as raças e suas misturas, o clima era visto como um dos fatores preocupantes entre os intelectuais brasileiros do período, resquício esse das discussões que sacudiram a intelectualidade no século XVIII e que colocaram em lados opostos nomes de envergadura da época, como Montesquieu e Alexander von Humboldt, envolvidos em um debate no qual se discutia a viabilidade de uma civilização nos trópicos.³⁴

Para Freyre, o clima tropical, lascivo e entorpecente na abordagem arianista era ideal para a formação de uma nação em que as mudanças ocorrem sem rupturas, suavemente, sem conflitos extremados. Um clima que “amolenga”, na expressão de Freyre, os espíritos mais exaltados.³⁵

Portanto, podemos concluir que *Sobrados e mucambos* é uma continuação de *Casa-grande & senzala*, e que portanto, une os ideais freyreanos de patriarcalismo, intercâmbio cultural entre as raças e a ação positiva do clima tropical, mas que avança temporalmente e mostra a transição de uma sociedade rural para uma sociedade urbana e moderna, e as implicações que isso opera para a formação da sociedade brasileira.

Como frisou Da Matta, Freyre

não viu o Brasil a partir do que ele não era, mas sim do que ele era, sem preconceitos comparativistas negativos, quando

33 Schwartz, “Gilberto Freyre e a história colonial”, p. 115.

34 Esse tema é bastante interessante e um tanto amplo, e sua discussão demandaria um espaço que aqui não possuímos; por isso, sugiro aos interessados conferir os seguintes livros: Antonello Gerbi, *O Novo Mundo: história de uma polêmica, 1750-1900*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996; Roberto Ventura, *Estilo tropical: História Cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991; Iara Lis Schiavinatto, “Imagens do Brasil: entre a natureza e a História”, in: Istvan Jancsó, *Brasil: formação do Estado e da nação*, São Paulo, HUCITEC, Unijuí, Fapesp, 2003.

35 França, *Gilberto Freyre*, p. 26.

ele não era lido em seus próprios termos, mas em função de um outro estalão civilizatório. Diferença essa que não significa superioridade ou inferioridade.³⁶

Apesar das críticas, que não são poucas,³⁷ Gilberto Freyre quebrou paradigmas de sua época e é um nome fundamental dentro do pensamento social brasileiro, sendo suas obras de suma importância aos interessados em entender melhor a sociedade em que vivemos.

recebido em 09/2009 • aprovado em 11/2010

36 Da Matta, "O Brasil como morada", p. 16.

37 Principalmente entre certos estudiosos do tema da escravidão, que não toleram a visão "doce" e otimista da relação entre senhores e escravos que Freyre prega.